

SAÚDE MENTAL

Desafios da Prevenção, Diagnóstico, Tratamento
e Cuidado na Sociedade Moderna

Edição XXVI

Capítulo 24

O TEATRO SUICIDA: A RELAÇÃO INTRÍNSECA DO SUICÍDIO E ARTE

GUILHERME ALCÂNTARA CARVALHO ANDRADE¹
KAMILA ALCÂNTARA SILVA¹
LUÍSA ATHAYDE DE AQUINO¹
ANA LUIZA BARROS LINS MAIA¹
BRUNO OLIVEIRA SANTOS²
JOSÉ ANÍSIO SANTOS JÚNIOR³
MURILO DO SACRAMENTO BASTOS⁴
VÍTOR LIMA NASCIMENTO⁴
JÉSSICA SARAH BARROSO MENESES⁴
TIFANNI NICOLY DA CRUZ MENDES⁴

¹Discente - Medicina em Universidade Tiradentes (UNIT- SE).

²Enfermeiro – Centro Universitário AGES - BA.

³Psiquiatra – Fundação Beneficente Hospital de Cirurgia (FBHC).

⁴Discente - Medicina em Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Palavras-Chave: Suicídio; Arteterapia; Ato-Dor.

INTRODUÇÃO

O teatro é uma das 11 manifestações artísticas da atualidade, estando presente na história humana desde a Antiguidade e servindo de base para outras manifestações, como o cinema. Assim, como as demais artes, o teatro iniciou-se como forma de cultuar e transmitir as passagens dos Deuses antigos, evoluindo para histórias fictícias ou reais (CEBULSKI, 2013). Ademais, essas exibições eram utilizadas como formas de didática ou alienação, seja pelos mitos (apresentações de “origem” de algum deus ou herói que servirão para estimular algum comportamento ao público) ou pelas tragédias.

É, pois, a Tragédia imitação de uma ação de caráter elevado, completa e de certa extensão, em linguagem ornamentada e com várias espécies de ornamentos distribuídas pelas diversas partes [do drama], [imitação que se efetua] não por narrativa, mas mediante atores, e que, suscitando o ‘terror e a piedade, tem por efeito a purificação dessas emoções (ARISTÓTELES, 1993).

A tragédia, subgênero das peças teatrais, é definida acima por Aristóteles como uma história iniciada por uma ação e que deve ser finalizada durante a narração até o seu fim (CEBULSKI, 2013). Logo, a narrativa evidencia a felicidade trocada por uma infelicidade que precisa ser solucionada em um período de tempo em algum lugar. Com o passar dos anos, essa modalidade sofreu algumas modificações e adaptações, como ser um gênero de fatalidade e/ou tensão, de modo que o público adquira o sentimento de perda, angústia e dor do personagem na tentativa de acolhê-lo (SILVA, 2009). Além disso, a tragédia é marcada, principalmente, pela morte, perda ou desaparecimento de algum elemento importante para a personagem principal que o leva a um fim trágico ou

superação, exemplificando “Romeu e Julieta” (1597) e “O mágico de Oz” (1987).

O historiador do teatro, ao contrário do estudioso da literatura e da pintura, não tem diante de si as obras do passado às quais se dedica estudar, estas existiram apenas no momento em que se processou o contato físico entre duas pessoas num espaço de representação (FONTANA & GUSMÃO, 2019).

Por sua vez, Gusmão *et al.* (2019), contempla os historiadores do teatro por serem capazes de entender as convenções e a linguagem das peças devido as suas dualidades: lúdico e ceticismo. Com isso, é possível assimilar o Teatro a um suicídio, uma vez que as nuances da consumação do ato de tirar a vida podem ser interpretados de diversas maneiras, as quais poucos são capazes de identificar o real significado.

Por definição, o suicídio compreende o ato de tirar a própria vida por meios, potencialmente, letais. Todavia, o sofrimento mental até chegar à consumação do ato suicida já pode ser enquadrado como suicídio. É estimado que ao menos 20 tentativas de suicídio ocorram para cada morte por suicídio de adulto, o que é traduzido em uma tentativa de suicídio a cada segundo (SILVA; MARCOLAN, 2021). Essa ampliação possibilita uma maior garantia de sobrevivência dessas pessoas, de modo que o acompanhamento se torna contínuo, curativo e preventivo. Assim, é possível alterar o desfecho da trama do teatro ato-dor causado pela dor psíquica.

Em sua pesquisa, Silva e Marcolan (2021) identificaram falha no sistema de notificação quanto aos índices de tentativa de suicídio e conclusão do mesmo. Além disso, é visto uma curva crescente entre 2013 e 2018 dos poucos dados obtidos nessa pesquisa. Diante dos resultados, é notável a baixa notificação desses casos, o que inviabiliza o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para o sofrimento men-

tal, pois quanto mais alimentado o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), mais evidente ficam as lacunas e melhor direcionar as verbas públicas para a prevenção.

No livro, *Crise suicida: avaliação e manejo*, Botega (2022) consegue detalhar como cada fator de risco consegue, de alguma forma, levar ao suicídio. Entre eles, há os fatores de riscos ambíguos, como “família”. Como o ato suicida não possui fisiopatologia definida, causalidades tornam-se gatilhos e tratamento, de modo a inviabilizar a criação de protocolos rígidos de manejo. Nesse caso, Botega elucida essa dualidade, de como a família pode ser a causa do suicídio (conflitos, temperamentos, ausência), assim como pode ser uma forma de tratamento (vigília, acolhimento, lazer).

A partir disso, esse capítulo visa elucidar como o suicídio é, por si só, uma dinâmica dualística, a qual é “tudo ou nada”, desde fatores de risco à prevenção. Ainda, dispor-se a caracterizar esse dinamismo como uma peça teatral, de modo que consiga abranger um público ainda mais para que possa, enfim, tornar as medidas de prevenção mais efetivas e duradouras.

MÉTODO

Trata-se de uma revisão narrativa, realizado no recorte temporal do ano de 2020 ao ano de 2025, abrangendo questões sobre o suicídio, o prelúdios desse e arteterapia. Em virtude da dinâmica com as Ciências Humanas, a pesquisa em volta da temática teatral foi-se prolongada para 10 anos (2015 - 2025) devido a limitação de literatura atualizada.

As revisões narrativas são capazes de reunir e sintetizar publicações, a fim de encontrar o que há de exposto e útil. A revisão narrativa se apresenta como uma das principais formas de se mapear os saberes científicos produzidos em uma dada área técnicas-discursiva, consolidan-

do papéis pertinentes nas investigações literárias (Fernandes; Vieira; Castelhana, 2023).

O processo de seleção teve início com a leitura completa do livro de Botega, *Crise suicida: avaliação e manejo* (2022). Durante a apreciação, instalou-se a idealização desta monografia como medida de atualização sobre o “ato-dor”. Assim, iniciou-se a busca preliminar, de modo a utilizar os descritores de saúde DeCs/MeSH, como "suicídio" e "tentativa de suicídio", bem como termos relacionado, como "prevenção ao suicídio", “dor” e “Arteterapia”.

Ademais, por haver correlação com a História, houve necessidade da busca de materiais históricos sobre o teatro, suicídio e a relação entre eles. Com isso, utilizou-se de ferramentas de IA (ChatGPT) para iniciar a busca por locais com descritores e de pesquisa. Sendo assim, definiu-se “História”, “Teatro” e “Artes cênicas”, pelo Institute of Education (ERIC), e como meio de pesquisa, o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

A coleta dos dados em saúde ocorreu no período de janeiro a maio do ano de 2025, sendo coletados por meio da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), PubMed (*Public Publisher Medline*), *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MedLine) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). A análise dos dados ocorreu pela leitura exhaustiva dos artigos, de documentos públicos e históricos, e periódicos.

Foram incluídos no estudo artigos que abordaram a temática do suicídio, em língua alemã, espanhola, francesa, inglesa e portuguesa, especialmente os que possuíam enfoque para a dor psíquica pré suicídio. A exclusão ocorreu por artigos incompletos ou com acesso financeiro, após a leitura de resumos, editoriais, teses e dissertações que não agregassem à temática ou re-

petissem outros artigos, e que encontrassem fora do período de busca pré-estabelecido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O teatro:

A origem do Teatro é controversa, pois tudo pode ser uma cena. Para Leite (2020), o nascimento do teatro performático é na Grécia Antiga, onde surge a dramaturgia. Diante disso, oferendas e ritos a Dionísio, deus vinho e desrazão, deixam de ser cânticos de bênçãos para tornarem-se práticas corporais que possuem algo a ser dito. Além disso, Leite (2020) reforça que as manifestações cênicas, guiadas ou não por um texto, não são oriundas da Grécia, em virtude de outros ritos de celebrações em outros documentos históricos antigos. Ao passar dos séculos, as peças começaram a contracenar poemas heróicos, como a *Iliada* e a *Odisseia*. Assim, é possível notar a relação humana com entidades que lhes serviam de acalento ou súplica para algo em suas vidas.

Em outra parte da História, é possível ver a relação dionisiaca com as máscaras teatrais. Tendo as máscaras teatrais como um de seus símbolos (SANTOS *et al*, 2020), Dionísio consegue ramificar o teatro em duas grandes vertentes: Comédia e Tragédia. A sensação do cômico necessitava de auxílio de faces mais expressivas ou apáticas, como tentativa de reduzir o “real” (MACHADO, 2018). Já a Tragédia evoluía junto com o sofrimento do intérprete até a Fatalidade, categoria essa que, outrora, era associada ao drama psicológico (LEITE, 2020).

A partir de então, com a dominação romana sobre a Grécia, e consequentes guerras e conquistas de Alexandre, O Grande, as manifestações cênicas foram espalhadas e adaptadas a cada localidade, sem deixar perder a essência: ludificar algum conflito humano.

Uma dessas, é o teatro Nô e Kyôgen, no Japão. Ruzene (2020) explica a coexistência des-

ses dois como contra cena. Isto é, o Nô manifesta o espiritual do xintoísmo, enquanto o Kyôgen o cotidiano, o cômico oriental, durante os intervalos do Nô. Todavia, tais formas teatrais eram voltadas para os xoguns e suas famílias, sendo o Kabuki e Bunraku (teatro de bonecos) para a sociedade pobre da época.

Após o fim do xogunato, as cenas Kabuki tomaram maiores holofotes, principalmente pelo histórico do Japão em guerras nacionais e internacionais, para a população. Sá (2017) traduz o Kabuki em: Canto (Ka), Dança (bu) e Representação (Ki). Sendo assim, os kanjis explicitam, outra, capacidade das artes, não só do Teatro: Dá significado às emoções humanas a partir das suas manifestações artísticas.

Suicídio:

Em um dos modelos que tentam explicar a fisiologia do suicídio, existe a “Teoria dos 03 passos do suicídio”. A pesquisa de Henry (2021), guia esse conceito ao somar “dor” e “desespero” e encontrar o “desejo suicida”. Essa teoria reflete como o trio possui relação de proporcionalidade, cujo desejo aumenta à medida que a dor sobrecarrega as emoções, e, assim, agravando o desespero ao ponto de desejar evoluir com tentativas. Dessa forma, é possível observar a complexidade do suicídio, o qual cada teoria possui vértices entre outras teorias em prol de justificar, ou tentar, como cada fator de risco desencadeia um gatilho emocional, e, assim, gerando um emaranhado fenômeno multifatorial.

Um desses pontos, complementado pela teoria supracitada, é o “Modelo estresse-diátese”. Em sua produção, Mann, Michel e Auerbach (2021) definem “Transtorno” como situação ou condição que gere estresse emocional, enquanto que “Diátese” significa predisposição. Nessa mesma leitura, a resolução defendida aponta para o estresse como alterador de emoções, as quais estão propensas a sofrerem influência do

meio externo. Assim, a teoria e o modelo encontram-se no ponto: dor mental.

Apesar de não ser visível ou palpável, a dor é enquadrada como o quinto sinal vital, uma vez que trata-se de uma experiência sensitiva e/ou emocional desagradável ou semelhante a lesão tecidual (ROSA *et al.*, 2021). Ademais, a dor mental é justificada pelo próprio trânsito das vias da dor, onde a informação perpassa, também, pelo córtex da ínsula e outras estruturas límbicas relacionadas à memória e emoções.

Os aspectos afetivo - motivacionais da dor, como o seu desconforto e o humor negativo que evoca, são avaliados no núcleo parabraquial, no córtex cingulado, na amígdala e na ínsula anterior. O córtex pré-frontal e outras estruturas límbicas também estão envolvidos na transferência de informações relacionadas ao componente cognitivo da dor, que abrange a atenção, a antecipação da dor e a memória de experiências passadas. Essas áreas compõem uma rede cerebral que também pode contribuir para a transição da dor aguda para a dor crônica (LABRAKAKIS, 2023).

A partir disso, podemos utilizar o termo “*psychache*” para denominar a dor mental do suicídio. Botega (2022) revive o termo *psychache*, criado por Edwin Shneidman (ILYA BARYSHNIKOV, ISOMETSÄ, 2022) para exemplificar a dor mental como um outro tipo de dor, uma dor insustentável que faz o ser idealizar, tentar e cometer suicídio. Tal condição leva ao processo de autorregulação cerebral, como uma forma de defesa mental contra o autoextermínio. Isto é, o inconsciente busca movimentos de recusa da realidade para prevenir o suicídio, lutar ao invés de fugir. A *psychache* é o que leva a primeira dualidade da autodestruição: tudo ou nada.

Uma vez que, para o sistema nervoso, situações de adrenalina envolvam lutar ou fugir, para o sistema límbico em sofrimento extremo é tu-

do ou nada. Em seu livro, Botega (2022) traz estudos com pacientes sobreviventes de tentativas de suicídio, os quais não sabiam explicar o porquê fez aquilo, como uma sensação de anestesiamento emocional. Contudo, após realizarem acompanhamento psicológico, conseguiam dizer que era como se estivessem fora do seu mundo, dissociados. Para Labrakakis (2023) e Baryshnikov e Isometsä (2022), a descarga traumática sem meios de defesa viáveis e seguros leva a ativação do córtex pré frontal primitivo: Fuja. Todavia, para onde fugir se a ameaça está em meus pensamentos, em si mesmo? Silencie os pensamentos: Se mate. Em seus estudos, Baryshnikov e Isometsä (2022) apontam a *psychache* como sentimento de desagregação de si, próximo da vivência da morte. Logo, a expectativa da morte só pode ser única, sem erros, ou tudo dará errado: Tudo ou nada.

Na psicanálise, uma de suas vertentes é a lacaniana, a qual tenta trazer o inconsciente de forma simbólica pela linguística e filosofia (SALIM & HENRIQUES, 2021). Segundo essa linha de pensamento, o suicídio está relacionado aos princípios de acting out e passagem ao ato. O primeiro define-se como o que é dirigido ao outro, como forma de tentar atingir uma segunda pessoa, enquanto o segundo pode ser interpretado como uma caracterização de outro personagem, de modo a criar uma cena (DIAS, 2025). Em resumo, o indivíduo em *psychache* comete suicídio como tentativa de vingança ou por alívio próprio, em uma cena utópica, no seu imaginário doloroso. Tais definições podem ser correlacionadas com diversas formas de arte, entre elas o teatro e seus atos.

Ato e dor:

Seguindo a linha de pensamento do trauma como desencadeador do sofrimento mental intenso, Ribeiro (2021) reitera esse conceito ao citar Ferenczi (1873 - 1933): o trauma desestruturante diz respeito às experiências traumáticas que não puderam ser elaboradas, provocando

muito sofrimento para o paciente. Sendo assim, um evento traumático pode ser caracterizado como estruturante ou desestruturante, esse o iniciador da dor mental.

Ademais, a desestruturação pode evoluir para diversas catástrofes a medida que não lhe é atribuído um sentido. Isto é, o trauma precisa ser trabalhado, revivido e explicado pelo traumatizado a um profissional adequado, porque a incapacidade de representar o ocorrido é o que torna patológico (BOTEGA, 2022) e o choque traumático intenso tende a ser repetido como tentativa de fuga (RIBEIRO, 2021).

Nesse sentido, a noção de ato - dor traz as tentativas de suicídio como medida psíquica de conter a dor mental intensa. Ao passo que os planos de contenção psíquica cessam, o sofrimento em excesso ganha esse domínio e o ato é o alívio. Dessa forma, Botega (2022) chega à conclusão que “o traumático é vivenciado no escuro representativo” (p. 65), uma vez que a morte só pode ser única, e caso sobreviva, o paciente tende a não recordar da cena pré tentativa.

A arte não é um trabalho exclusivamente criativo, é uma forma disfarçada da vertente terapêutica (MONTEIRO, 2023). Sob o ponto de vista teatral e artístico, a conclusão de Botega assemelha-se a eventos fora de cena, apenas citados por terceiros, de jeito a deixar dúvidas sobre o fato. Para Ribeiro (2021), a dor é o encontro do psíquico e o somático, os quais conseguem desenhar a psiquê do indivíduo. Logo, as formas de representações artísticas permitem ao paciente alternativas lúdicas de extravasar o que não consegue organizar mentalmente e verbalizar.

A virtude do teatro é por ser única, semelhante ao suicídio. Ao ser trabalhado, o trauma é lembrado e cria novos sentidos ao que aconteceu (RIBEIRO, 2021), de modo a levar às tentativas de suicídio à novas interpretações. A correlação entre suicídio e teatro vai muito além de

atos e cenas, mas sim a experiência única de assistir e sentir o que se passa.

Em suma, a encenação ao vivo será encenada com outros atores, em outros momentos e situações, com públicos diferentes, mesmo que contenha o mesmo conteúdo, mas passará diferentes sentimentos e emoções em cada uma delas. O mesmo ocorre no suicídio: mesmo que se saiba do risco, a dor única será exaltada apenas uma vez. As demais tentativas são consequência da continuidade dos cuidados (COC), projetos de assistência pós tentativa de suicídio, falhas (ARNON *et al*, 2023), pois a passagem ao ato desencadeia a amnésia temporal - o que permite a pessoa sentir pela primeira vez, novamente, a *psychache*.

Arte e prevenção:

Em seus estudos, Sudarshan e Mehrotra (2021) retratam a Índia como um cenário próximo ao brasileiro, onde a população é grande e possui uma má assistência à saúde, principalmente na seara mental, o que implica no altos índices de suicídio. Contudo, diferente de lá, o Brasil vem desenvolvendo medidas preventivas mais eficazes e acessíveis à população, através do Plano Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio (Brasil, 2024). Entre elas, há a arteterapia.

Apesar de serem vistas apenas como manifestações humanísticas, as intervenções artísticas comunicam moral e educação, quando bem utilizadas. Davico *et al* (2022) definem arte como qualquer meio de expressar valores individuais e sociais por atividades criativas. A partir disso, é possível estabelecer a arteterapia como uma terapêutica e forma de diálogo, a qual permite uma melhor interação do paciente consigo mesmo.

A arte é o produto resultante da intuição, observação do consciente e inconsciente, da emoção, da técnica, do talento e da criatividade (MONTEIRO, 2023). A simbologia da arte é muito íntima, a qual cada um possui uma inter-

pretação individual, mesmo que semelhante, mas há sempre algo único. Utilizada como forma de desbloquear memórias guardadas (DAVICO *et al*, 2022), as artes em geral, conseguem evocar o que há de mais íntimo. Por isso, mesmo sendo uma via terapêutica, apresenta riscos.

Quando utilizada sob supervisão ou com intuito de terapêutico, a arte é tratamento. Contudo, quando utilizada de forma inequívoca, explícita e explicativa demais, pode, de certa forma, normalizar ou romantizar o sofrimento. Shaman *et al* (2024) apontam a dramatização (teatros, filmes, séries, livros) do suicídio como uma forma de contágio. Uma das medidas universais orientadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) é a regulação midiática quanto aos casos de suicídio (BRASIL, 2024), pois, a depender da forma como é noticiada, pode desencadear o efeito Werther.

O efeito Werther é mais uma das dualidades do suicídio, porque há a necessidade de falar-se sobre, mas de forma que não influencie. O livro “O sofrimento do jovem Werther” (1774) e a série “Os 13 porquês” (2017) são exemplos dessa romantização (SHAMAN *et al*, 2024). O primeiro retrata o suicídio de um jovem apaixonado, enquanto o segundo apresenta uma sequência de eventos traumáticos que culmina em suicídio. Em ambas as obras, revelam o método da morte e apenas ela como saída, o que desencadeou o efeito Werther - aumento dos registros de suicídio após sua divulgação midiática (OLIVEIRA, 2023)

Diferente dessas obras, Barreto (2022) exemplifica a importância de obras que retratem sobre suicídio, mas de formas que sejam um fator protetor (efeito Papageno). Dois exemplos audiovisuais são: a bankai de Shunsui Kyōraku, Bleach (2004), e a bailarina, Dandadan (2021). Em ambas as obras japonesas, o suicídio é representado de forma sutil, principalmente na a-

daptação para anime, a fim de dar sentimento humano à obra, chocar e prevenir.

Na primeira obra, a habilidade foi inspirada na peça teatral “Sonezaki Shinju” (Os suicídios amorosos em Sonezaki - 1703), a qual dois amantes cometem suicídio para seguirem juntos - semelhante à Romeu e Julieta - (Barreto, 2022), e é dividida em três atos - igual a peça. No segundo ato, a narrativa explicita uma dupla tentativa, mas apenas um consegue, sendo necessário o terceiro ato. Apesar de uma habilidade de batalha, o dano é em ambos e revela, entre linhas, um suicídio ao final.

Segundo Barreto (2022), as gerações atuais são mais adeptas ao audiovisual, o que permite uma maior liberdade a obras escritas, e restringe o cinematográfico. A segunda obra evidencia o risco, a arte - literal e lúdica - e a prevenção. A personagem, após ter sua filha raptada, entra em psychache e sobe até o telhado do prédio para dançar. Ao final da - bela - cena, é subentendido o suicídio da personagem (**Figura 24.1**). Diferente da obra física (mangá), é mostrado o salto para fora do prédio (**Figura 24.2**). A diferença artística e o modo em que é representado nas diferentes obras apontam, novamente, para a dualidade. A arte performática da personagem evidencia o ato-dor (RIBEIRO, 2021), cuja resposta emocional, ao anime, é diferente do mangá por trazer mais estímulo cognitivo.

Figura 24. 1.



Fonte: DANDADAN. Episódio 7. [S.l.]: Science SARU, 2024.

Figura 24.2



Fonte: TATSU, Yukinobu. Dandadan. São Paulo: Panini, 2022

Em seus estudos, Davico *et al* (2022) defendem o uso, principalmente, das artes performáticas por integrarem diálogos, movimentos e interação com o público. Com isso, é notável a correlação existente com o teatro Kabuki, citado anteriormente, e o seu uso nas cenas das figuras acima, onde a personagem interage com o público por meio da dança até o seu fim. Assim, seu ato-dor torna-se um espetáculo como

tentativa de amenizar a psychache e representar suas dores a quem olha.

CONCLUSÃO

Dessa forma, é notável como a relação interpessoal com o meio externo é fundamental para o equilíbrio emocional. A partir disso, em uma das metas do Plano Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, é necessário a implementação de a alternativa de metodologias implícitas e visuais em suas amostragens e em seus projetos, uma vez que todo fator de proteção e terapêutico possuem potencial para ser um fator de risco com alto potencial. Apesar disso, quando dada abertura sobre o tema, as parcelas de indivíduos em sofrimento vêm a ser acolhidas, de modo que possa prevenir uma fatalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, M. (org.). Manual de avaliação e tratamento da dor. Belém: EDUEPA, 2020. ISBN: 978-65-88106-13-6. Disponível em: https://paginas.uepa.br/eduepa/wp-content/uploads/2021/01/manual_dor.pdf. Acesso em: 17 jun. 2025.
- ARISTÓTELES. Poética. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1993. (Coleção Os Pensadores).
- ARNON, S., SHAHAR, G., KLOMEK, A. B. Continuity of care in suicide prevention: current statuts and future directions. Public Health, 2024. DOI: 10.3389/fpubh.2023.1266717.
- BARRETO, R. S. SONEZAKI. 2022. 190 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Artes Cênicas) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022.
- BARYSHNIKOV, I.; ISOMETSÄ, E. Psychological pain and suicidal behavior: a review. Frontiers in Psychiatry. 2022. DOI: 10.3389/fpsy.2022.981353.
- BOTEGA, N. J. Comportamento suicida: epidemiologia. Psicologia USP, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 231–236, 2014. <https://doi.org/10.1590/0103-6564D20140004>.
- BOTEGA, N. J. Crise suicida: avaliação e manejo. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2022.
- BRASIL, Ministério da Saúde. Secretária-Executiva. Subsecretaria de Assuntos Administrativos. Saúde com arte. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_com_arte.pdf. Acesso em 14 de jun. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Cartilha – Prevenção de suicídio. Série: Saúde mental e atenção psicossocial em desastres. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/cartilhas/2024/cartilha-prevencao-de-suicidios.pdf/view>. Acesso em: 27 de jun. 2025.
- CEBULSKI, M. C. Introdução à história do teatro no ocidente: dos gregos aos nossos dias. Guarapuava: Unicentro, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unicentro.br:8080/jspui/handle/123456789/910>. Acesso em: 23 de jan. 2025.
- CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA (CFM). Suicídio: informando para prevenir. Brasília: CFM; 2014.
- CRUZ, M. S. Mitos – Suas Origens e Sua Importância para o Homem Contemporâneo. 2007. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/117457973/mitos-suas-origens-e-sua-importancia-para-o-homem-contemporaneo>. Acesso em: 23 de jan. 2025.
- DAVICO, C. *et al.* Artes Cênicas em Estratégias de Prevenção ao Suicídio: Uma revisão de Escopo. International Journal of Environmental Research and Public Health. v. 19, n. 22, 2022. DOI: 10.3390/ijerph192214948.
- FONTANA, F. S.; GUSMÃO, H. B. O palco e o tempo: estudos de história e historiografia do teatro. Rio de Janeiro: Gramma, 2019.
- DIAS, L. Suicídio Infantil: Um Ato Lúcido e Real? . Conhecendo Online, /S. l./, v. 9, n. 1, p. 1–17, 2025.
- HENRY, M. Suicide prevention: A multisectorial public health concern. Preventive Medicine, v. 152, 2021. DOI: 10.1016/j.ypmed.2021.106772.
- LABRAKAKIS, C. The Role of the Insular Cortex in Pain. International Journal of Molecular Sciences, v. 24, n. 6, 2023. DOI: 10.3390/ijms24065736.
- LEITE, R. M. História do teatro ocidental: da Grécia Antiga ao Neoclassicismo francês. Salvador: UFBA, Escola de Teatro, 2020.
- MACEDO, M. M. K.; WERLANG, B. S. G. Tentativa de suicídio: o traumático via ato-dor. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 23, n. 2, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722007000200009>.

MACHADO, V. T. A máscara no teatro moderno: do avesso da tradição à contemporaneidade. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2018.

MANN, J. J.; MICHEL, C. A.; AUERBACH, R. P. Improving Suicide Prevention Through Evidenced-Based Strategies: A Systematic Review. *American Journal of Psychiatry*, v. 178, n. 7, 2021. DOI: 10.1176/appi.ajp.2020.20060864.

MONTEIRO, I. Arte e saúde mental: a criatividade artística como intervenção terapêutica. *Convergências: Revista de Investigação e Ensino das Artes*, v. 16, n. 32, p. 164–180, nov. 2023. DOI: 10.53681/c1514225187514391s.32.197.

OLIVEIRA, E. A. Sazonalidade de suicídios no Brasil e investigação de efeito Werther em campanha setembro amarelo - 1996 à 2021. 2023, Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Medicina) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023.

RIBEIRO, I. N. F. Tentativa de suicídio: um olhar psicanalítico. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

SANTOS, C. S. *et al.* Dionísio, Trickster, Exu e Diadorim como representação mítica-arquetípica-religiosa-poética. *Numen: Revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v. 23, n. 1, 2020.

SALIM, A. L. D.; HENRIQUES, R. S. P. Psicanálise Lacaniana e Reduções de Danos: encontros e desencontros. *Mental, Barbacena*, v. 13, n. 23, p. 4-24, jun. 2021.

SILVA, D. A.; MARCOLAN, J. F. Tentativa de suicídio e suicídio no Brasil: análise epidemiológica. *Medicina (Ribeirão Preto)*, Ribeirão Preto, v. 54, n. 4, 2021. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-7262.rmrp.2021.181793>.

SHAMAN, J. *et al.* Quantifying suicide contagion at population scale. *Science Advances*, 2024. DOI: 10.1126/sciadv.adq4074.

SILVA, V. P. Tragédia: transição e ruptura. 2009. 120 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

SUNDARSHAN, S.; MEHROTRA, S. Suicide Prevention Mobile Apps for Indian Users: An Overview. *Cureus*, v. 13, n. 7, 2021. DOI: 10.7759/cureus.16770.

RIBEIRO, I. N. F. Tentativa de suicídio: um olhar psicanalítico. 2021, 94 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

RUVIARO, N.; CORRÊA, A. S.; SILVEIRA, K. S. S. Etiologia e manejo do comportamento suicida: a perspectiva da terapia cognitivo-comportamental. *Disciplinarum Scientia|Saúde*, Santa Maria, v. 20, n. 2, 2019. <https://doi.org/10.37777/2821>.

RUZENE, F. Chátro Nô: Ara técnica performática japonesa e suas relações com a tragédia grega. In: BUENO, A. [org.]. *Mundos em movimento: extremo oriente*. Rio de Janeiro: Projeto Orientalismo/UERJ, 2021.

TATSU, Y. Dandadan. Tóquio: Shueisha, 2021 - v. 3, Capítulo 16, p. 21, 2021. Disponível em: <https://mangaplus.shueisha.co.jp/>. Acesso em: 7 de ago. 2025.

TO A KINDER WORLD - DANDADAN. Episódio 7. [S.l.]: Science SARU, 2024. 1 episódio (00:16:00min.). Disponível em: <https://www.crunchyroll.com/>. Acesso em: 17 de ago. 2025.